

A coragem em André Comte-Sponville e Paul Tillich¹

Vitor Chaves de Souza²

“Coragem, coragem, se o que você quer é aquilo que pensa e faz
Coragem, coragem, que eu sei que você pode mais”

Raul Seixas

RESUMO

Este artigo analisa o conceito da palavra “coragem” nas filosofias de André Comte-Sponville e de Paul Tillich, e a implicação em seus pensamentos. Apesar das diferentes interpretações, cada uma importante a seu modo, os dois filósofos dizem que precisamos mergulhar nosso ser na solidão e no vazio para descobirmos quem somos – e para isso eles afirmam que precisamos primeiro de coragem. Para André Comte-Sponville, coragem é o ato que leva a pessoa ao aspecto moral da vida; para Paul Tillich, coragem está além de qualquer ato moral porque está enraizada na totalidade da existência humana e na estrutura do ser em si, que está fundamentada na alma. Sem o intuito de desmerecer os estudos e pontos de vista de André Comte-Sponville ou de Paul Tillich, este artigo apresenta as semelhanças e diferenças sobre coragem entre os autores no contexto da pós-modernidade.

Palavras-chave: coragem, ser, pós-modernidade, Paul Tillich, André Comte-Sponville.

¹ Comunicação no 15º Seminário em Diálogo com o pensamento de Paul Tillich: *Paul Tillich e a pós-modernidade: possibilidades e limitações*.

² Mestrando em Ciências da Religião. E.mail: vitor@chaves.com.br.

Courage in André Comte-Sponville and Paul Tillich

ABSTRACT

The present article analyses the concept of the word “courage” in the philosophy of André Comte-Sponville and Paul Tillich, and its implication on their thoughts. Despite the different interpretations, important in their several ways, both philosophers says that we must dissolve our being into nothingness in order to know who we are – and for that both agree we need courage in the first place. For André Comte-Sponville, courage is the act that leads someone to the moral aspect of life; for Paul Tillich, courage is beyond any moral act because it is rooted in the whole breadth of human existence and ultimately in the structure of being itself, which is instilled in the soul. Far be it from us to think of belittling the admirable studies and viewpoints from André Comte-Sponville or Paul Tillich, this article shows the similarities and differences about courage between the authors in the context of postmodernism.

Keywords: courage, being, postmodernism, Paul Tillich, André Comte-Sponville.

Introdução

O filósofo André Comte-Sponville³ tratou do tema da coragem num capítulo de seu livro *O pequeno tratado das grandes virtudes*⁴. Paul Tillich⁵, referência base para os estudos do grupo de pesquisa que leva seu nome na pós-graduação da Universidade Metodista de São Paulo, também tratou deste tema, com exclusividade, na obra *A coragem de ser*⁶. A pesquisa sobre a *coragem* em André Comte-Sponville e Paul Tillich é

³ André Comte-Sponville nasceu em Paris, França, em 1952. É professor de filosofia. Considera sua filosofia materialista, racionalista e humanista. Propõe uma metafísica materialista e uma espiritualidade sem Deus. Possui diversos livros publicados sobre filosofia e religião.

⁴ COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004, 392p.

⁵ Paul Tillich (1886-1965), filósofo e teólogo – e talvez o mais notável teólogo do século XX –, foi professor de teologia na Alemanha e Estados Unidos e livros de teologia, filosofia e cultura.

⁶ TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, 146p.

próxima. A abordagem do primeiro é essencialmente filosófica, e a do segundo é um estudo exigente e competente no âmbito da filosofia, psicologia e teologia. Enquanto André Comte-Sponville analisa a coragem como virtude, moral e verdade, Paul Tillich analisa questões psicológicas (ansiedade, medo, culpa e desespero), filosóficas (existencialismo, autoafirmação, não-ser e o aspecto ontológico relativo à coragem de ser) e teológicas (experiência mística e fé que ajudam a ser). Os autores em questão possuem similaridades e divergências: nas similaridades, complementam-se; nas divergências, enriquecem-se. O presente texto propõe refletir, no contexto da pós-modernidade, pontos capitais da questão da coragem entre os dois filósofos.

Pós-modernidade e coragem

A pós-modernidade, o niilismo, a vida sem sentido, o “tempo do desespero”⁷, a morte de Deus, o perecimento das Igrejas, o fim das ideologias; tudo isto permeia e ameaça o ser humano (e a religião atual). “A terra tinha sido expulsa do centro do mundo”⁸: com Copérnico, o homem deixou de estar no centro do Universo; com Darwin, o homem deixou de ser o centro do reino animal; com Marx, o homem deixou de ser o centro da história e, com Freud, o homem deixou de ser o centro de si mesmo, notou Eduardo Prado Coelho. André Comte-Sponville inicia seu livro *O tratado do desespero e da beatitude*⁹ com estas temáticas da situação humana atual. “O homem do século XX perdeu um mundo significativo e um eu”¹⁰, nota Paul Tillich, que não viveu a pós-modernidade, mas de uma certa forma a previu pela “perda de Deus do século XIX”¹¹, com Feuerbach e Nietzsche, e, sobretudo, pelo existencialismo (que é o problema e a resposta atual). O ser humano na pós-modernidade perdeu seu mundo (desespero), suas referências de *ser* (insignificação) e todas as “garantias” dos esquemas explicativos (como a ciência e a religião). Só

⁷ COMTE-SPONVILLE, André, *Tratado do desespero e da beatitude*, 2006, p. 7.

⁸ TILLICH, Paul. *A coragem de ser*, 1976, p. 82.

⁹ COMTE-SPONVILLE, André. *Tratado do desespero e da beatitude*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006, 370p.

¹⁰ TILLICH, Paul. *A coragem de ser*, 1976, p. 109.

¹¹ *Ibid*, p. 111.

lhe restam a ansiedade, a insignificação, o medo e o desespero diante das coisas da vida, como nota André Comte-Sponville. Este é o cenário para reflexão da pós-modernidade.

“A ansiedade que determina nosso período”, diz Paul Tillich, “é a ansiedade da dúvida e insignificação”¹²: perdeu-se a significação da própria existência. Na perda do significado da existência, o ser humano, frente ao seu vazio interior, busca sentido para a vida. Mas, motivadas pelo desespero, e não pela coragem, as atitudes podem ser traidoras com o próprio ser. A sociedade aproveita da falta de sentido na vida para associar a idéia de existência com a de consumo: consumir dá sentido à vida e nos faz cidadãos da pós-modernidade¹³ – e não é somente o consumo material, mas também o ideológico. Consumir produtos e ideologias, consumir o outro como objeto de prazer em relacionamentos desairosos, não obstante a ansiedade e o medo, é fuga mental e existencial. Nesta fuga negamos o próprio *ser* à procura de sentidos que evitem a solidão: vestimos a realidade de sentidos “para poder suportá-la”¹⁴. É necessário, pois, olhar para estes problemas e dar o primeiro passo: mergulhar no vazio do ser, na insignificação e na angústia; na noite da alma. Para mergulhar dentro de nós, temos de aceitar quem somos. Aceitar é o primeiro passo, como indica Paul Tillich, “aceitar-se como sendo aceito, a despeito de ser inaceitável”¹⁵. Angústia e desespero, é preciso iniciar pela solidão¹⁶. “Solidão é o lugar para purificar-se”¹⁷, já dizia Martin Buber. E é preciso tempo para chegar nesta solidão, “e muita coragem”¹⁸. A coragem é o passo decisivo do ser humano para *ser*. Devemos começar pela pós-modernidade, pois não podemos escapar dela. Devemos começar dentro de nós, pois não podemos escapar de nós mesmos. Devemos começar pela coragem, pois

¹² TILLICH, Paul. *A coragem de ser*, 1976, p. 135.

¹³ CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999, 290p., p. 83.

¹⁴ André Comte-Sponville, *Viver*, 2000, p. 189.

¹⁵ TILLICH, Paul. *A coragem de ser*, 1976, p. 128.

¹⁶ COMTE-SPONVILLE, André, *Tratado do desespero e da beatitude*, 2006, p. 14.

¹⁷ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 2001, p. 120.

¹⁸ COMTE-SPONVILLE, André, *Tratado do desespero e da beatitude*, 2006, p. 13.

sem ela não podemos *ser*. Esta é a abordagem básica e comum de André Comte-Sponville e Paul Tillich para a reflexão sobre a coragem.

André, o desesperado

O passo inicial é dado: um domínio de si e do medo é condição *sine qua non* de toda moralidade e ser. Precisamos de coragem para viver e para morrer, suportar e enfrentar, resistir e perseverar. “Coragem não é a ausência do medo, é a capacidade de enfrentá-lo, de dominá-lo, de superá-lo”¹⁹. Na nobre atitude de enfrentar as ansiedades e medos cultivados na pós-modernidade, a coragem tem a ver com a moral e o *ser* da pessoa –mais com a primeira (a moral) do que o segundo (o ser), para André Comte-Sponville. Jankélévitch disse que “a coragem não é um saber, mas uma decisão, não é uma opinião, mas um ato”²⁰. Não basta saber o que é bom ou ruim, o que é verdadeiro ou falso, o que se deve ou não fazer; precisa-se da vontade de *ser*, determinada, necessária diante do perigo ou do sofrimento. Aqui, André Comte-Sponville adianta e introduz o que veremos em Paul Tillich. Esta coragem que tem a ver com o ser da pessoa é *ontológica*. André Comte-Sponville, apesar de indicá-la, não a aprofunda, pois opta por outro caminho: considera a coragem como uma virtude estritamente moral e ética. “Coragem é aquilo sem o que, sem dúvida, qualquer moral seria impossível ou sem efeito”²¹, diz ele. As virtudes são nossos valores morais, e a coragem, sendo uma virtude, é mais um valor moral. Para André Comte-Sponville, coragem é a condição de qualquer virtude, é uma virtude e a condição de todas – toda virtude é coragem.

No entanto, eis o problema da reflexão da coragem somente no campo da virtude e da coragem de ser como si próprio: se a coragem serve tanto para o bem como para o mal, como pode ela ser uma virtude? “O que é esta virtude que pode servir para o mal?”²², pergunta

¹⁹ COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*, 2004, p. 58.

²⁰ *Ibid.*, p. 59.

²¹ COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*, 2004, p. 55.

²² *Ibid.*, p. 52.

André Comte-Sponville. O filósofo sugere uma saída para este problema: a coragem, enquanto nome de uma virtude entre outras, torna-se estatuto moral, por isso ela não deve servir para o mal; então, a coragem está além da disposição de se fazer o bem, mas “o próprio bem, em espírito e verdade”²³, é o esforço para se portar bem. Este problema da coragem servir tanto ao bem como ao mal não acontece, para Paul Tillich, quando a coragem é associada ao ser-em-si. A coragem, enquanto participação na auto-afirmação do ser no ser-em-si, em sua dimensão ontológica, “não é uma virtude”²⁴, como observou Voltaire, mas uma qualidade comum aos grandes homens, ou seja, “é o ato do eu individual em tomar a ansiedade do não-ser sobre si, afirmando-se, ou como parte do todo global, ou em sua condição do eu individual”²⁵. A coragem desconectada do ser-em-si precisa de um “gancho” e este, para André Comte-Sponville, é a virtude: quando a serviço de outrem ou de uma causa geral e generosa, a coragem, como virtude, “supõe sempre uma forma de desinteresse, de altruísmo ou de generosidade”²⁶, supõe um bem primeiro, uma “força da alma”²⁷ para o bem. Poderíamos dizer que André Comte-Sponville pressupõe um tipo de ontologia da coragem (sendo *a priori* um bem e um ato), mas ele próprio não aprofunda este tema: prefere a reflexão de que a coragem em sua gênese é somente ato ético e moral (para justificar sua virtude).

A despeito de André Comte-Sponville definir sua filosofia como materialista e irreligiosa²⁸, sua interpretação sobre a coragem aproxima-se consideravelmente da de Paul Tillich. Ambos vão ao vazio humano, insignificação do ser, ansiedade e desespero da alma para contextualizar o motivo da coragem. Este é o ponto comum entre os dois filósofos em questão, e coincidentemente o ponto de partida da filosofia deles. No entanto, há uma diferença capital que veremos agora.

²³ *Ibid.*, p. 9.

²⁴ *Ibid.*, p. 52.

²⁵ TILLICH, Paul. *A coragem de ser*, 1976, p. 121.

²⁶ COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*, 2004, p. 57.

²⁷ *Ibid.*, p. 57.

²⁸ COMTE-SPONVILLE, André. *Viver*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, 371p., p. 8.

Paul, o corajoso

Sobre a coragem, somos *capazes*, diz André Comte-Sponville.²⁹ Temos a capacidade natural do amor, da coragem, da inteligência, da compaixão e de tantas outras virtudes – coragem é uma *entre tantas outras virtudes*. Podemos “usar coragem como o nome de uma virtude entre outras”³⁰, diz Paul Tillich, ou usar a coragem para reinterpretar a fé. “Coragem como um ato humano, como matéria de avaliação, é um conceito ético. Coragem como auto-afirmação do ser de alguém é um conceito ontológico”³¹. Paul Tillich propõe uma “ontologia da coragem”³². O contraste entre a concepção de *coragem* de Paul Tillich e André Comte-Sponville é que para Tillich coragem não é somente uma virtude ética. Ele não descarta a coragem na participação da ética, mas valoriza a coragem como auto-afirmação do ser de alguém – o conceito ontológico. Aqui temos diferenças decisivas na interpretação da coragem. O ser humano precisa de coragem e não de mero otimismo, nota Tillich, para ser em meio à ansiedade de não-ser que ameaça o homem como um todo, isto é, ameaça tanto sua auto-afirmação espiritual como a ôntica.³³ A coragem de André Comte-Sponville, apesar do ponto de partida comum de reflexão, limita-se à dimensão ética – e por limitar-se à ética, não há afirmação nem mudança do ser, podendo a coragem “servir para tudo, para o bem como para o mal, e não altera a natureza deste ou daquele”³⁴, como bem observa o próprio André Comte-Sponville. Será a pós-modernidade que impede André Comte-Sponville do salto existencial “corajoso” de Tillich? André Comte-Sponville tem Spinoza como um dos referências básicos para sua filosofia, enquanto Tillich critica a dualidade do conceito de coragem de Spinoza³⁵: para

²⁹ COMTE-SPONVILLE, André. *O espírito do ateísmo: introdução a uma espiritualidade sem Deus*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, 191p., p. 116.

³⁰ TILLICH, Paul. *A coragem de ser*, 1976, p. 7.

³¹ *Ibid.*, p. 3.

³² *Ibid.*, p. 28.

³³ *Ibid.*, p. 36.

³⁴ COMTE-SPONVILLE, André, *Pequeno tratado das grandes virtudes*, 2004, p. 51.

³⁵ TILLICH, Paul. *A coragem de ser*, 1976, p. 16.

este, a coragem não modificaria o ser todo da pessoa, seu estatuto ontológico; em Paul Tillich a “coragem do ser é o ato ético no qual o homem afirma seu próprio ser a despeito daqueles elementos de sua existência que entram em conflito com sua auto-afirmação essencial”³⁶.

Podemos sintetizar a coragem, para Tillich, em três dimensões: a coragem de aceitar o mundo que nos cerca, a coragem da solidão e a coragem de participar do poder criador que está em toda pessoa. A partir do problema da ansiedade do destino e da morte, da ansiedade da vacuidade e da insignificância, da ansiedade da culpa e da condenação, coragem é auto-afirmação “a despeito de”, isto é, a despeito daquilo que tende a impedir o eu de ser e se afirmar em sua existência.³⁷ Só existe coragem se existir este “aquilo” que se impõe à auto-afirmação do eu, e este “aquilo” é o problema moderno de *ser*, tanto em participação como em individualização, buscando a transcendência. O primeiro passo, conforme mencionado, é aceitar: “a coragem de ser é a coragem de aceitar-se como sendo aceito, a despeito de ser inaceitável”³⁸, sem nada condenar e sem nada encobrir. Somente esta aceitação é capaz de incorporar a ansiedade da culpa e condenação; e ao incorporá-la, somos corajosos para a solidão, onde nos purificamos, para então permitir a potência criadora do ser-em-si em nosso ser. Aqui André Comte-Sponville não chega. Para Tillich, a coragem está enraizada no ser-em-si. A pessoa corajosa está apoderada pela potência de ser que transcende tudo que é. Este estado de ser apoderado pela potência do ser-em-si é a condição da fé. “Fé é a base da coragem de ser”³⁹. Aceitar a insignificância é o primeiro ato significativo; é um ato de fé, pois aceita-se a aceitação pela potência do ser-em-si, da qual se participa e que dá ao ser coragem de tomar sobre si as ansiedades do destino, da culpa e do desespero.

“A coragem participa da auto-afirmação do ser-em-si, participa da potência do ser que prevalece contra o não-ser”⁴⁰. Coragem, para Tillich, está longe de ser somente um ato ou uma virtude. A coragem

³⁶ *Ibid.*, p. 3.

³⁷ *Ibid.*, p. 23.

³⁸ *Ibid.*, p. 129.

³⁹ TILLICH, Paul. *A coragem de ser*, 1976, p. 134.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 140.

como virtude, mediante uma espiritualidade sem Deus, cairá na fé distorcida, como Paul Tillich nota em *Dinâmica da Fé*⁴¹. Coragem enquanto ato ético somente, fecha-se em si mesma; enquanto manifestação do fundamento do ser, a coragem abre-se para a vida e não alimenta o vazio da pós-modernidade. A manifestação do ser vai depender de até onde a pessoa pode incorporar em si seus medos e ansiedades de insignificação. As diversas formas de coragem, como a de André Comte-Sponville, estão reafirmadas na dualidade da vida humana. A coragem que está enraizada no Deus acima de Deus, transcendendo a coragem de ser como uma parte e a coragem de ser como si próprio, participa da potência do ser-em-si e permite ao ser humano *ser*.

Conclusão

André Comte-Sponville, apesar de indicar a prática, fica na exacerbação da razão, como Spinoza⁴²; e Tillich, apesar de ser extremamente racional, é completamente prático devido ao aspecto ontológico da coragem. Coragem, conforme nota Paul Tillich, é uma realidade ética, mas “se enraíza em toda a extensão da existência humana e basicamente na estrutura do próprio ser”⁴³. Se lermos a coragem conforme André Comte-Sponville a leu, através da via da moral/ética, podemos não perceber o ser e ficar num ciclo de virtudes, valores e verdades – e, como Sócrates conclui, “falhamos em descobrir o que coragem é realmente”⁴⁴, porque o fracasso está em “encontrar uma definição de coragem como uma virtude entre outras virtudes”⁴⁵. Mas, se lermos a coragem conforme Paul Tillich indica, como aquela que “deve ser considerada ontologicamente a fim de ser entendida eticamente”⁴⁶, teremos aí uma interessante chave de referência para a reflexão da coragem.

⁴¹ TILLICH, Paul. *Dynamics of Faith*, 1957, p. 38.

⁴² O homem livre, segundo Spinoza, é aquele que vive conduzido unicamente pela razão. COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*, 2004, p. 323.

⁴³ TILLICH, Paul. *A coragem de ser*, 1976, p. 1.

⁴⁴ Sócrates *apud* TILLICH, Paul. *A coragem de ser*, 1976, p. 2.

⁴⁵ TILLICH, Paul. *A coragem de ser*, 1976, p. 2.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 1.

O pensamento pós-moderno sobre a coragem está representado na filosofia de André Comte-Sponville. Pós-modernidade é quando o velho não é mais, mas o novo ainda não é; quando algo deixou de ser, mas outro algo ainda não veio a ser, nota Vitor Westhelle. A coragem pós-moderna não é mais a coragem dos filósofos clássicos e estoicos, mas ainda não é coragem dos pós-modernos. A vida pós-moderna perdeu seus fundamentos e significados. Dar sentido a algo é sinal de ausência: ausência do *ser*. Aristóteles disse que a forma mais elevada de coragem é sem esperança⁴⁷, pois é necessário ser corajoso, sobretudo, quando falta esperança. Num mundo onde falta o ser, o sentido e a esperança, “verdade é silêncio”⁴⁸ e opinião é tagarelice. É preciso abandonar os refúgios oferecidos pela sociedade e entrar dentro de si. Pois “a verdade está do lado do ser, e não do lado do discurso”⁴⁹. Mas, para chegar a este ser, precisa-se de coragem. Coragem de ser.

Referência

- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999, 290p.
- CARVALHAES, Cláudio. *Uma Crítica das Teologias Pós-Modernas à Teologia Ontológica de Paul Tillich*. Revista Correlatio, número 3, 2003, São Bernardo do Campo.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004, 392p.
- COMTE-SPONVILLE, André. *O espírito do ateísmo: introdução a uma espiritualidade sem Deus*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, 191p.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Tratado do desespero e da beatitude*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006, 370p.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Viver*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, 371p.
- TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, 146p.
- TILLICH, Paul. *Dynamics of Faith*. New York: Harper, 1957, 147p.
- TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005, 868p.

⁴⁷ GAUTHIER, R. A., JOLIF, J. Y. *L'Éthique à Nicomaque*, 1970, II, 1, pp. 233-234.

⁴⁸ COMTE-SPONVILLE, André. *Viver*, 2000, p. 185.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 245.